

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

PLURALIDADE E DIVERSIDADE NO OFÍCIO PASTORAL

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo



ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

PLURALIDADE E DIVERSIDADE NO OFÍCIO PASTORAL

Plurality and diversity in the pastoral craft

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo¹

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB), Bacharel em Filosofia pela UnB, Mestre em Ciências da Religião pela UMESP, Doutor em Sociologia pela UnB e Pós-Doutor pela PUC/GO. Está associado ao corpo docente da Faculdade Teológica Batista de Brasília. E-mail: profarau@gmail.com

RESUMO

O ofício e a prática pastoral têm sido descritos de forma variada nas páginas do Novo Testamento. Essa pluralidade de termos usados para o cuidado do rebanho é também reflexo de que a direção do povo de Deus era usada para pessoas e gêneros distintos. Às vezes, uma mesma pessoa recebia mais que um desses termos, mas, em geral, a liderança era constituída de uma pluralidade de líderes com funções diversas. Este texto examina os principais termos do Novo Testamento grego e seus usos nas igrejas do primeiro século para o exercício do pastoreio. Tal tarefa poderá funcionar como um convite à reflexão para um modelo centralizado e centralizador da liderança atual.

Palavras-chaves: Liderança. Pastorado. Diversidade. Pluralidade.

284

ABSTRACT

The office and pastoral practice are described in various ways on the pages of the New Testament. This plurality of terms used for the care of the flock is also reflect that the direction of God's people was used for different people and genres. Sometimes the same person received more than one of these terms, but usually the leadership was made up of a plurality of leaders with different roles. The text examines the main terms of the Greek New Testament and their uses in the churches of the first century. Such a task may work as an invitation for reflection for a centralized and centralizing model of the current leadership.

Keywords: Leadership. Pastorate. Diversity. Plurality.

1. PROFISSÃO DE PASTOR

Qualquer que seja a profissão, em um mundo dominado pelo mercado e pela livre concorrência, tende a se proteger e a proteger os profissionais de determinada categoria de profissionais concorrentes. Tal proteção pode vir a existir em termos de formação adequada, exame de proficiência para o exercício das atividades, sindicatos e associações representativas e que defendam seus associados.

O pastoreio não é diferente. Ainda que muitos queiram negar, existe uma relação profissional no exercício do pastorado. Pelo lado das denominações – principalmente as históricas de matrizes missionárias – exigem uma boa formação teológica com bacharelado e pós-graduação. Em se tratando das igrejas locais, uma boa formação intelectual pode ser sinônimo de importância para o rebanho. Falar uma língua moderna e dominar mesmo que de forma razoável o trilinguismo bíblico – hebraico, grego e latim – é essencial.

Além da formação teológica e intelectual, há o vínculo trabalhista. Pastores trabalham horas e horas no ofício do pastorado, quer seja em um escritório no prédio da igreja ou como ‘tele trabalho’ ou ‘home office’. Essas horas dispendidas durante a semana ou nos fins de semana, em geral inclui uma compensação econômica pelo desempenho de tal trabalho. Não é raro que as horas dispendidas no pastoreio exceda o dia a dia de um trabalhador normal. O exercício dessa profissão se assemelha à dos executivos, sem hora de começar ou parar de trabalhar.

A profissão de pastor tem ônus e bônus como todas as profissões. Os desgastes com reuniões, planejamento de atividades, prestação de contas, aconselhamentos, visitas, cura das almas, estudos e, claro, resultados, colocam os pastores entre os profissionais com altos índices de sofrimento. Estresse, síndrome de ‘burnout’, esgotamento nervoso e emocional, depressão e suicídio estão cada vez mais ligados a esses profissionais.

2. RESERVA DE MERCADO

Os profissionais procuram se defender de concorrentes, negando a todo aquele que não tem a formação intelectual reconhecida que exerça a função. No caso do pastorado, o curso mínimo de Teologia em nível de bacharel em uma instituição reconhecida pela denominação é o ponto de partida.

A reserva de mercado também se mostra na exigência de uma aprovação oficial nos ritos de iniciação. Esse rito iniciático pode ser a aprovação de um trabalho escrito ou de uma prova oral – concílio – diante de uma ‘banca’ constituída em um presbitério. No caso dos batistas, há também a restrição para que não pastores participem da sabatina e da reunião privada que decide pela aprovação ou não do candidato.

Um concílio batista é uma cerimônia pública com práticas episcopais e presbiteriais corporativamente defendidas. Essa reunião é uma convocação pública, mas os pastores devidamente ordenados negam aos ‘leigos’ a participação. Para justificar a negação da participação do público, argumentos sofisticados e artificiais são tecidos e expostos diante de todos. Como o discurso é feito por um pastor que faz sua própria defesa e autojustificação do seu grupo, o público nada tem a dizer. Sem conceder a palavra ao povo, a decisão é resignar-se. Com a negação da participação do público, o concílio é uma reunião antidemocrática que se reúne em nome da democracia.

Os ritos de passagem têm a capacidade de elevar e considerar certos atores a categorias além do julgamento e da racionalidade. De modo semelhante, os pastores justificam suas práticas restritivas diante da igreja seus discursos baseados em tradições e práticas despóticas ao elevar a ocasião do concílio um rito sagrado que é negado ao povo. De alguma forma, o povo que Deus considera santo, a Igreja, deverá ser declarado profano para que o alijamento e silêncio sejam impostos.

O concílio é um procedimento histórico e se baseia em uma tradição injustificada. Difícil encontrar uma base bíblica para se fazer o que se faz e do jeito que se faz. Tais práticas podem ser achadas nos rituais de outras religiões, passando pelo catolicismo e maçonaria, o que apontaria para procedimentos importados e petrificados no meio denominacional. Como a espiritualidade é um produto impalpável, a consulta que se faz ao candidato no concílio se baseia no discurso que o candidato mostrará com relação à fidelidade doutrinária. Visto que o candidato será um pastor batista, é preciso avaliar com cuidado possíveis sintomas de desvios ou desconhecimentos doutrinários da denominação.

A matéria a ser examinada e a bibliografia a ser consultada para as respostas já são previamente distribuídas. Espera-se que o examinador se restrinja às perguntas fixas do programa de seleção. De alguma forma, o concílio é um concurso em que o candidato e banca sabem antecipadamente as perguntas e as respostas.

3. O UM E OS MUITOS NO NOVO TESTAMENTO

Com o tempo, grupos como os batistas tendem a se tradicionalizar mais e mais. Uma das marcas do envelhecimento de sociedades religiosas é quando o Espírito, o carismatismo e a liberdade pessoal cedem espaço para declarações doutrinárias, filosofia da denominação e práticas consagradas e consagrantes da tradição. Nesses casos, surgem diversos níveis de organizações e hierarquizações. Mas, principalmente, uma separação nítida entre o povo e o clero profissional fica cada vez mais demarcado.

Nessa fase do sumiço do carismatismo, a interpretação da Bíblia também tende a ser fixa e engessante. Um exemplo desse enrijecimento se mostra, por exemplo, na eclesiologia. A leitura de livros sobre a igreja e seus oficiais pode nos servir de exemplo. Tomemos, então, o termo pastor como exemplo. Todos os

manuais têm em comum o reconhecimento de que o pastoreio é uma atividade com funções múltiplas. Em geral, os batistas analisam alguns termos gregos como pastor, bispo, ancião ou presbítero como sendo intercambiáveis. Em outras palavras, o pastor é uma pessoa que é chamada e reconhecida como exercendo todas essas funções.

Ainda que tal interpretação não esteja longe da verdade, é preciso reconhecer que o seu resultado venha a se tornar engessador, pois esconde uma realidade interna ao próprio texto bíblico. Afirmar que o pastor é o bispo, presbítero ou ancião, é também afirmar que ele é único, que todas as atividades se concentram em uma pessoa, que o pastoreio é função de um só.

O resultado de entender e direcionar todas as funções atinentes ao ministério pastoral é defender o pastorado de forma restritiva, concentrada e reservada. Ainda que o pastor seja chamado de presbítero, ancião e pastor, a centralidade da função pastoral nega um fato básico: a liderança bíblica é sempre plural. A igreja não tem um pastor, ancião ou presbítero. Ela tem pastores, anciãos e presbíteros. Em nenhum lugar do Novo Testamento há um pastor visitando, batizando, pregando, liderando, dando ceia, organizando, disciplinando e ensinando sozinho. Tais atividades estão sempre nas mãos de um grupo, de uma pluralidade de pessoas.

288

4. TERMOS DO NOVO TESTAMENTO PARA O PASTOREIO

Para um exame mais detalhado das funções pastorais e da socialização que acontece entre todos da congregação, vejamos os principais termos que o Novo Testamento nos traz. Os termos que examinaremos a seguir dão mostras, em primeiro lugar, de que alguns deles passaram a ser usados de forma restritiva, quando, na verdade, eram usados para várias pessoas. Ou seja, o que os líderes fizeram e como aplicaram os termos neotesta-

mentários para um grupo fechado se distanciou do seu sentido primeiro. Em segundo lugar, apresentam a ideia da diversidade de gênero na liderança da igreja.

4.1 APÓSTOLO (*ἀπόστολος* – APÓSTOLOS)

Ainda que esse termo seja usado, em geral, para aqueles que andaram com Jesus, ele não foi empregado apenas para os doze, pelo menos, se pudermos entender o termo como deveria ser: enviado. Ainda que o texto de Marcos 6 e Lucas 9 chamem aos doze de apóstolos, em Lucas 10.1, o verbo enviar (*apostéilen*) está presente, e, portanto, os outros 72 discípulos foram assim chamados.

Apóstolo é simplesmente aquele que é enviado. O termo foi usado em diversas ocasiões e para várias pessoas. Em Corinto apareceram uns super apóstolos (*hiperlían apostólon*) (2Co 11.5), falsos apóstolos (*pseudoapóstoloi*), (2Co 11.13). Nesse mesmo verso aparece a expressão ‘apóstolo de Cristo’.

Em Romanos 16.7 há uma saudação para Andrônico e Júnias, judeus e companheiros de prisão do apóstolo Paulo, “os quais são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim”. *Apóstoloi*, (1Co 15.7), plural, foi usado por Paulo numa referência a outros irmãos que talvez tiveram esse termo associado a todos eles. No versículo 5 desse capítulo, Cristo apareceu a “Cefas e, depois, aos doze”. No versículo 7, está: “Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos”. Resta saber, porém, se a expressão ‘todos os apóstolos’ do versículo 7 é equivalente ou não a ‘aos doze’ do versículo 5.

4.2 BISPO (*ἐπίσκοπος* – EPÍSCOPOS)

Esse termo foi usado para os líderes da igreja de Éfeso. Paulo, estando em Mileto, mandou chamar a liderança daquela igreja (At 20.17). Esses líderes foram chamados de presbíteros – os mais velhos. No entanto, nesse mesmo capítulo (At 20.28), esses presbíteros foram chamados de “bispos” que deveriam

pastorear “a igreja de Deus” (*episkopous poimaínein ten ekklesian tou Theou*). No Novo Testamento, o bispo não tinha a função de liderança sobre um colegiado, uma região ou um grupo de pastores. O termo se aplicava simplesmente para aqueles que cuidavam, vigiavam e atentavam para seus irmãos de fé.

Em Hebreus, episcopo foi usado para toda a igreja como parte das responsabilidades coletivas onde todos deveriam ter cuidado uns dos outros. Ali, todos deveriam cuidar (episcopizar) que nenhum irmão daquela comunidade viesse a falhar na fé e, assim, se desviasse dos caminhos de Deus. A função do bispado não recaía, então, somente sobre a liderança, mas qualquer irmão ou irmã deveria ser um bispo para seu irmão e irmã de fé.

4.3 DESPENSEIRO OU MORDOMO (οἰκονόμος – OIKONOMOS)

O mordomo ou despenseiro cuida da alimentação e nutrição de todos os que fazem parte do *oikos* (casa) do chefe. É ele quem decide o que e quando servir para que todos tenham uma boa alimentação. Na atualidade, o despenseiro – o que cuida da despensa – seria o nutricionista, nutrólogo e até o endocrinologista. A função dele é fazer com que a pessoa tenha uma alimentação saudável, que reduza ou elimine os problemas do mau funcionamento do organismo e reedue a pessoa na questão alimentar, faça perder peso e ganhe saúde.

A vida cristã foi algumas vezes comparada ao ato de comer. O despenseiro cuidava desse alimento e talvez ajudasse aos crentes a ingerir alimentos saudáveis ou os melhores alimentos. Como despenseiro, Paulo afirmou que tinha dado leite para os coríntios (1Co 3.2). Ainda que ele quisesse dar alimento sólido, teve que se conter devido ao estágio deficitário da vida cristã daqueles crentes.

O apóstolo Pedro orientou aos seus leitores que desejassem o ‘genuíno leite espiritual’ (1Pe 2.2). Da mesma forma, o autor da Epístola aos hebreus escreveu que seus leitores já deviam estar se alimentando de comida sólida; infelizmente, ainda to-

mavam leite (He 5.11-4).

O despenseiro dá a comida que as pessoas da casa, onde trabalha, podem comer, não a comida que ele quer dar. Às vezes, o pregador quer mostrar conhecimentos teológicos e rebuscados e até consegue provar o seu intento, contudo, apenas mostra sua erudição. Seus ouvintes reconhecem o seu saber, mas acabam por não aproveitar o alimento que está sendo oferecido.

4.4 DIÁCONO (διάκονος – DIÁKONOS)

Essa palavra é muito usada no Novo Testamento e na igreja atualmente. Mas o seu uso contínuo não nos garante que a empreguemos de modo devido. Observemos, por exemplo, a aparição do termo na epístola aos Colossenses. Diácono aparece em 1.7, 23, 25 e 4.7. No texto de 4.17 aparece o termo diaconia.

- *Epafras*: “nosso amado cooperador, fiel ministro (διάκονος) de Cristo” (1.7);
- *Paulo*: “Esse é o evangelho do qual eu, Paulo, me tornei ministro (διάκονος)” (1.23);
- “da qual me tornei ministro (διάκονος) de acordo com [...]” (1.25);
- *Tíquico*: “Tíquico, irmão amado, e fiel ministro (διάκονος), e conservo” (4.7);
- *Arquipo*: “[...] atenta para o ministério (διάκονία) que recebeste” (4.17).

É provável que Epafras tenha sido o fundador, pregador e mestre daquela igreja; Tíquico era pregador, missionário e companheiro de Paulo. Ele trabalhava na fundação e consolidação das igrejas em diversas comunidades e cidades do Império romano. Arquipo era pastor em Colossos. Sabe-se que Paulo era apóstolo, pregador e mestre. Todos eles poderiam ser tudo, menos *diácono*. Segundo a linguagem viciada e personalista da eclesiologia atual, nenhum deles seria chamado assim, nem se

deixariam ser assim chamados. Mas é dessa forma que o Espírito Santo preferiu chamá-los; é assim que Paulo se chama. É com esse termo que ele chama os companheiros de ministério.

Se fosse hoje, Paulo seria chamado como realmente era: apóstolo. Epafras, fundador da igreja e responsável por Hierápolis, Laodiceia e pelas igrejas nas casas de Ninfa e Áfia, talvez fosse chamado de ‘bispo’. Tíquico, seria o ‘missionário’, e Arquipo, como realmente era: ‘pastor’. No grego, porém, todos têm um mesmo nome, o mesmo termo, sem separação, hierarquias ou distinções nobiliárquicas. Todos são diáconos.

Este é o termo correto para quem serve ao Senhor Jesus. O que prega, aquele que funda igreja, quem se responsabiliza por várias igrejas ao mesmo tempo e o cuidador da igreja local: diácono. Para todo aquele que serve a Jesus, independentemente do trabalho que faz, uma diaconia.

Em tempos do culto à personalidade, de egos inflados, pessoas vão procurando no grego ou hebraico as melhores palavras que as definam enquanto posição eclesial ou denominação. O Novo Testamento reduz a todos a um único título.

Um possível uso tendencioso da palavra diácono está em Rm 16.1. Esse termo foi traduzido em formas diversas em nossas Bíblias:

- ARA: “Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está *servindo* à igreja de Cencreia”;
- ARC: “Recomendo-vos, pois, Febe [...] a qual *serve* na igreja que está em Cencreia”;
- NVI: “Recomendo-lhes nossa irmã Febe, *serva* da igreja em Cencreia”;
- NTLH: “Eu recomendo a vocês a nossa irmã Febe, que é *diaconisa* da igreja de Cencreia”;
- Ave Maria: “Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que é *diaconisa* da igreja de Cêncris”.

Mais que colocar as versões uma ao lado da outra, desejo mostrar um detalhe que em geral se passa por cima. Este mesmo termo, diácono, foi usado em Romanos 15.8 para se referir a Cristo. Vejamos, então, como as mesmas traduções que cunharam diácono como servir, serva e diaconisa para Febe, usaram esse termo para Jesus.

- ARA: “Digo, pois, que Cristo foi constituído *ministro* da circuncisão...”;
- ARC: “Digo, pois, que Cristo foi constituído *ministro* da circuncisão...”;
- NVI: “Pois eu digo a vocês que Cristo se tornou *servo* dos que são da circuncisão...”;
- NTLH: “Pois eu lhes digo que Cristo se tornou *servo* dos judeus...”;
- Ave Maria: “Pois asseguro que Cristo exerceu seu *ministério* entre os circuncisos...”.

Colocando as versões lado a lado, fica assim:

USO DO TERMO DIÁCONO		
Versão	Cristo (Rm 15.8)	Febe (Rm 16.1)
ARA	ministro	serva
ARC	ministro	serva
NVI	servo	serva
NTLH	servo	diaconisa
Ave Maria	ministro	diaconisa

Cristo é ‘ministro’ em 3 versões, duas delas hegemônicas entre os protestantes brasileiros: ARA, ARC e Ave Maria. Em duas, NVI e NTLH, ele é “servo”. Quanto a Febe, o termo “serva”, aparece em ARA, ARC e NVI. Essas três versões representam praticamente o universo protestante brasileiro. Essa hegemonia das traduções da ARA e ARC entre os evangélicos brasileiros aju-

dou a forjar o linguajar, pensamento e ‘teologia’ de quem defende determinado pensamento sobre a pessoa e o ministério da mulher na igreja. Em duas delas, NTLH e Ave Maria, ela é “diaconisa”.

Não é preciso enveredar por qualquer leitura de gênero, interpretação feminista, “moderna” ou liberal para provar que, no que se refere a Febe, o termo traz consigo as ideias de que ela é uma trabalhadora e ajudante em Cencreia. Febe não é protagonista em nenhuma versão em português como Cristo é. À mulher coube um papel secundário, subalterno e subserviente.

4.5 EVANGELISTA (εὐαγγελιστοῦ – EUANGELISTOU)

O trabalho do evangelista, como as atividades e funções já examinadas aqui, é dado por Deus para alguém comunicar o evangelho para aqueles que ainda não conhecem a Jesus. Timóteo deveria fazer o trabalho de evangelista (2Tm 4.5). Filipe, um dos sete – erroneamente chamado pela tradição cristã como diácono – recebeu o título de evangelista (At 21.8). Ele pregava a Jesus para os samaritanos. Ali, as pessoas em grande número se convertiam a Cristo (At 8.5-6).

Evangelista é uma atividade exercida a partir de uma capacitação dada por Deus para o seu povo (Ef 4.11). Não significa, portanto, qualquer tipo de hierarquização dentro da máquina administrativa de uma denominação ou igreja. Essa pessoa prega as boas novas – significado literal da palavra evangelista – acerca de Jesus.

4.6 LÍDER (ἡγεμόνος – HEGUEMONOS)

Esse termo se aplica a governadores, reis, príncipes, procuradores, chefes e líderes das cidades gregas em geral. Quando aplicado à igreja, trata de pessoas reconhecidas por seu valor espiritual. Esse termo foi aplicado a Judas e Silas (At 15.22), os quais lideravam uma parte do povo de Deus na igreja em Jerusalém. A versão NTLH os chama de “homens muito respeitáveis”;

“homens influentes”, ARA; “varões distintos”, ARC; “dois líderes entre os irmãos”, NVI.

Os líderes da igreja na Epístola aos Hebreus foram assim chamados (Hb 13.7, 17, 24). Quando se usa esse termo, o sentido aplica-se àqueles que levam, conduzem, lideram uma certa comunidade ou igreja. O sentido é o contrário daquele que serve. O *hegemonos*, é o que está à frente, que lidera com o exemplo, aquele que tem a preeminência. Essa palavra significa em português hegemonia, e tem praticamente o mesmo sentido do grego.

O termo, quando aplicado em Hebreus é feito no plural: “os vossos guias”, o que denota uma equipe de líderes, provavelmente chefes de igrejas caseiras, ou, como se popularizou hoje, pequenos grupos ou células. Esse mesmo padrão da liderança no plural se aplica às palavras já analisadas até aqui. Em nenhum momento há um apóstolo, bispo, despenseiro, diácono, evangelista e líder. Só o termo guia, quando aplicado a Jesus é tomado no singular. Mais à frente expandimos esse conceito.

4.7 MESTRE (διδάσκαλος – DIDÁSKALOS)

Geralmente é comum referir-se ao evangelista como aquele que leva a mensagem de Cristo àqueles que ainda não são convertidos, ao passo que o mestre se refere a quem ensina ao novo convertido acerca da “fé comum”, “fé entregue aos santos”, a “profissão de fé”, “fé que anunciamos”. O novo convertido precisa do leite espiritual. É nesse estágio que ele aprende os “ensinos elementares da doutrina de Cristo”, os ensinamentos próprios para bebês em Cristo, as coisas de “criança”.

O mestre consegue fazer o ‘link’ entre as coisas corriqueiras da vida e a vida em Cristo. Jesus era o mestre por excelência. Ele descomplicava os conceitos teológicos dos escribas e fariseus e transformava tudo isso em conceitos simples, ao alcance de todos. Ele falava com graça e todos gostavam de ouvi-lo.

Paulo e Epafroditos, parece, foram mestres destacados nas primeiras igrejas cristãs. Muitos mestres apareceram à proporção que o evangelho avançava entre cidades e povoados. O verdadeiro mestre recebia de Deus a capacidade para ensinar o evangelho centrado em Cristo. Por outro lado, ensinamentos estranhos e prejudiciais surgiram no meio do povo. Ter a capacidade em Deus para discernir e evitar tais ensinamentos foi uma necessidade tão grande quanto ter mestres que ensinavam os retos caminhos de Deus.

4.8 PASTOR (ποιμὴν – POIMEN)

O uso geral desta palavra se aplica ao pastor de ovelhas (Lc 17.7; 1Co 9.7). Por extensão, a ideia de cuidado, liderança, proteção e guia cabem muito bem à função pastoral enquanto cuidador e administrador da comunidade cristã (At 20.28; 1Pe 5.2).

A figura do pastor nem sempre apresenta um lado positivo. Jesus mesmo fez diferença entre ele, o bom pastor, e os outros, em geral, interesseiros. Na carta de Judas (Jd 12), aparece a figura daqueles que se “pastoreiam a si mesmos”, ou seja, usam da posição do pastoreio para o proveito próprio. De acordo com as palavras de Jacó (Ge 31.19) e Amós (Am 3.12), do pastor era cobrado toda ovelha que se perdesse, fosse comida ou despedaçada por uma fera. Às vezes, a má fama do pastor se dava porque podia acontecer de ele vender uma ovelha, ficar com o dinheiro e alegar que ela foi despedaçada ou comida por uma fera.

No livro de Apocalipse aparece a ideia de um pastoreio forte para aqueles que se mantiveram fiéis ao Senhor. Estes regerão as nações e reinos (Ap 2.27; 12.5).

Os pastores são dados para a igreja como um presente especial, um dom de Deus (Ef 4.11). Deus sabe que o seu povo precisa de cuidadores e protetores. Essas atividades serão supridas pelo próprio Deus que levanta os pastores dentro da sua comunidade local.

4.9 PRESBÍTERO (πρεσβύτερος – PRESBÍTEROS)

Essa palavra foi usada na Bíblia para diversas pessoas e em diversos sentidos. O apóstolo João, ao escrever a sua terceira carta (3Jo 1), aplicou a si o termo presbítero. Pedro chamou a si mesmo de presbítero (1Pe 5.1). Nesse mesmo texto o apóstolo usou esse termo aos líderes locais da igreja. Os líderes da comunidade cristã de Éfeso foram chamados de presbíteros (At 20.17). Eram pessoas nessa condição que deveriam ser chamadas para a oração, imposição de mãos e unção com óleo em caso de haver doentes na igreja (Tg 5.14).

Homens de oração, líderes em geral, um apóstolo consagrado – como foram os casos de Pedro e João – todos estavam na categoria de presbíteros. Eram eles que ouviam e tentavam resolver questões doutrinárias na igreja, como aconteceu por ocasião do problema da circuncisão exigida aos gentios pelos judeus. Os presbíteros pregavam, lideravam, pastoreavam, escreviam e serviam como bispos. Aliás, foi assim que aconteceu com os líderes efésios, os quais foram chamados para uma conferência com Paulo em Mileto: chegaram presbíteros (At 20.17), foram despedidos bispos (At 20.28).

Certamente esse termo não significou, primeiramente, um cargo ou posição de *status* na igreja. Era, antes, uma função. Presbítero era quem liderava alguma coisa, um grupo de pessoas ou pastoreava a igreja.

4.10 PROFETA (προφήτης – PROFÉTES)

O profeta, como o presbítero, envolve uma diversidade de pessoas e ações na Igreja do Novo Testamento. O profeta é uma pessoa necessária no corpo de Cristo, tão necessária que foi um dos dons concedidos pelo Espírito para a sua Igreja. Atividades como consolar, exortar, animar, avisar, anunciar a palavra de Deus e predizer o futuro faziam parte das ações proféticas. A profecia

poderia acontecer em estados estáticos ou não. Uma pessoa sozinha, em dupla ou com a igreja reunida poderia profetizar.

O profeta e a profecia se faziam presentes praticamente de forma obrigatória em todos os cultos públicos das primeiras comunidades cristãs. Foi em ocasiões assim que Apolo em Antioquia anunciou a vinda de uma grande fome na Judeia; em um culto público, houve a chamada pelo Espírito para a obra missionária de Barnabé e Saulo. Falando aos presbíteros de Éfeso em Mileto, Paulo relatou que o Espírito lhe revelava de cidade em cidade que prisões e perseguições o aguardavam. Estando em Cesareia, quatro moças, filhas do ‘diácono’ Filipe profetizavam nas reuniões da igreja.

Homens e mulheres participaram deste dom do Espírito. Assim como Miriã e Débora no Antigo Testamento, Ana, Isabel, Maria e as filhas de Filipe serviram a Deus como profetizas da mesma forma que Apolo e os profetas na igreja de Antioquia.

298

Segundo o texto de 1 Coríntios (11.4, 5), homem e mulher participam da mesma bênção da presença do Espírito no ministério da profecia: “Todo homem que ora ou profetiza [...] Toda mulher que ora ou profetiza [...]”. A palavra e o dom profético estavam democraticamente franqueados a todos os filhos de Deus, indistintamente.

4.11 SERVO (δοῦλος – DULOS)

O servo é uma dessas palavras que tem sido usada fora do seu contexto. Alguém que se deixa apresentar como um “grande servo” de Deus tem, antes, demonstrado que desconhece o seu sentido.

O servo era conhecido não por si mesmo, mas pela pertença ao seu dono. O servo não tinha identidade, era sempre ligado a alguém. No contexto da escravidão do Antigo Testamento, até os filhos, quando nasciam, pertenciam ao senhor. No mundo

greco-romano, o senhor tinha direitos sobre a vida do seu servo; o senhor poderia vender ou, até mesmo, matar o servo, se assim o desejasse, caso tivesse dado motivos suficientes para tanto.

Todos aqueles que trabalharam para Deus e que se encontram nos termos examinados aqui podem ser chamados por um mesmo nome: servos. Agir como servo de Deus quer dizer que a vontade dele, uma vez conhecida, se torna mais importante que a vontade do servo. “Não seja feita a minha vontade”, orou Jesus certa vez, “mas a tua” (Lc 22.42). Oração que foi representada nas palavras de Paulo: “Não considero minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que cumpra a minha carreira” (At 20.24).

Paulo e Jesus tinham uma missão. Para um, o caminho de morte, para outro, o sofrimento. Eles sabiam que essa era a vontade de Deus. Não reclamaram, simplesmente obedeceram a Deus cumprindo a vontade do Senhor.

4.12 GUIA (ἀρχηγός – ARKEGÓS)

Esse termo é aplicado com vários sentidos no Novo Testamento: um rei, chefe, líder, pioneiro ou herói que fundava uma cidade, por exemplo. O fundador de uma escola de pensamento também recebia o nome de *arkegós*, da mesma forma que um comandante de uma tropa militar que ia à frente de seus homens para uma batalha. A sua função era liderar e mostrar o caminho. Os líderes da igreja também foram chamados de *arkegós*.

Jesus é o guia que leva o crente pelo caminho da salvação (He 2.10; 12.2). Ele foi quem Deus exaltou como Salvador e colocou ao seu lado direito nos céus (At 5.31). Em geral, essa palavra no Novo Testamento se aplica a Jesus.

5. PASTOR E PASTORES

A igreja tem pastores; Cristo é o pastor. De acordo com o livro de Hebreus, ele é o “Grande pastor das ovelhas” (*ton poi-ména ton probáton ton mégan*). Para o apóstolo Pedro, Jesus é o ‘sumo pastor’ (*arkipoimenos*), (1Pe 5.4), assim como é o “Pastor e bispo das vossas almas” (*ton poiména kai episkopon ton psikon himon*).

Quando o Novo Testamento usa o termo pastor para se referir à liderança da igreja, o plural está presente em todas as passagens. Mais uma vez, fica patente a ideia de que o exercício do pastoreio da igreja é uma atividade plural, compartilhada; é um trabalho de equipe. O termo pastor só aparece no singular ao se referir à pessoa de Jesus. A liderança única, feita por uma pessoa só, é desconhecida para os autores bíblicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

300

A Sociologia da religião define os movimentos religiosos como grupos que começam a partir do entusiasmo e carismatismo de uma pessoa. Nos primeiros dias, o carismatismo é muito acentuado e os auxiliares imediatos do líder fundador gozam, de alguma forma, das mesmas características carismáticas do seu líder. Com a morte do líder e dos seus assessores imediatos, o carismatismo tende a esmaecer e a burocracia vai tomando o lugar do espontaneísmo.

O cristianismo começou com o cumprimento da vinda do Espírito Santo. Segundo foi a promessa do profeta, todos teriam iguais porções do Espírito: velhos, jovens, crianças, homens, mulheres e servos. A promessa da nova era do Espírito deveria ser democraticamente vivida. E assim foi. Porém, com o tempo, a liderança começou a restringir a participação no Espírito. Novas exigências apareceram e a burocracia limitou a presença e ação carismática. O que era privilégio de todos passou a ser função de poucos.

A história do cristianismo tem mostrado que o saber teológico sufoca e elimina a presença de Deus no meio do povo. Um concílio para a ordenação pastoral – entenda-se, de um homem – não se interessa pela espiritualidade, mas por conceitos rígidos e previamente dados que devem ser “papagaiados” e repetidos para a satisfação dos inquisidores presentes.

É certo que os termos para o exercício pastoral são intercambiáveis. Um presbítero também é o ancião. Pedro era apóstolo, presbítero e pastor. Paulo se definiu a si mesmo como apóstolo, diácono, profeta e mestre. Uma pessoa em posição de liderança poderia ser reconhecida exercendo várias funções. Mas é certo também que a liderança não é entendida no singular. A liderança é plural e exercida na pluralidade. Epafras, Arquipo e Paulo são diáconos. Pedro, o presbítero, atua junto a muitos presbíteros. Ele é presbítero como eles. João é um presbítero que escreve para outros presbíteros.

A liderança tem mais a ver com o companheirismo do que com a hierarquia. Pedro, apóstolo, tenha que prestar contas aos presbíteros de Jerusalém sobre suas andanças em terras samaritanas. Os apóstolos Paulo, Pedro e Tiago decidiam junto com os presbíteros que os gentios não precisavam de circuncisão. Não há decisões verticalizadas.

O carismatismo é mais importante que as relações de gênero. O Espírito é uma realidade para todo o povo de Deus. Homem e mulher podem profetizar. Na verdade, em termos de profecia, há mais mulheres sendo descritas como profetizas que homens exercendo este dom no Novo Testamento. Ambos têm a palavra no meio da congregação na hora do culto porque o Senhor é o mesmo que está em todos e age por meio de todos.

O Espírito não faz distinções entre os sexos. De vez em quando, as traduções bíblicas induzem os leitores a crenças e interpretações tendenciosas. Já vimos que Febe (Rm 16.1) foi distinguida com o termo diácono, a mesma palavra usada para

Jesus (Rm 15.8), Paulo, Epafras e Arquipo. Enquanto os homens, nas traduções, são chamados de “ministros”, Febe foi chamada de serva. A mulher Febe é e faz o que os homens são e fazem. Nesse caso, são todos diáconos, ou todos são ministros. Não tem nenhum sentido usar duas palavras em português para o mesmo termo em grego. Muito menos há razão para usar um termo com uma carga negativa para a mulher.

O Novo Testamento conhece mulheres que servem, hospedam, abençoam, servem como mães, arriscam suas cabeças e pregam o evangelho. Mulheres como Trifena e Trifosa trabalharam para o Senhor. Igualmente, Evódia e Síntique muito trabalharam para o Senhor. Esse trabalho, segundo Paulo, foi em associação com ele na pregação do evangelho. Evódia e Síntique foram pregadoras, assim como o homem Paulo era o espalhador da mensagem de Cristo.

Só a história, o desconhecimento bíblico, o apelo para a tradição e a burocracia podem justificar as hierarquizações de uns sobre os outros, dos homens sobre as mulheres, dos teólogos sobre o povo, do pastor sobre os sacerdotes, do “clero” sobre os “leigos” e dos estatutos e declarações doutrinárias sobre o carismatismo.

A Igreja é uma comunidade carismática. Todos têm iguais direitos. Todos têm acesso a Deus. Todos têm o Espírito. O pastoreio não é responsabilidade de uns poucos. O cuidado e saúde do grupo é função de todos. Não há espaço para um grupo seletivo e intocável no cristianismo.

Os pastores acertam em aplicar diversos termos para o pastorado como sendo aspectos diferentes para uma mesma pessoa. Ao mesmo tempo, se equivocam ao aplicar para apenas uma pessoa funções que foram exercidas por um colegiado, uma equipe ou grupo de pessoas. Uma especiosidade adicional derivada da anterior é aplicar restritivamente a homens ações que são indistintamente usadas para homens e mulheres nas páginas da Bíblia.

A tentativa de compensar a ausência do carisma através de usos de técnicas como estudos teológicos, modelos de gestão e cartelização do ministério pastoral, denominações históricas tendem a se afastar cada vez mais da Bíblia, ainda que a usem para tentar justificar o injustificável e naturalizar o arbitrário.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional